

O passado à frente

Luiz Alex Silva Saraiva

Chegamos ao final de mais um ano, e com uma triste constatação: o país como um todo perdeu com a vitória da direita nas eleições presidenciais. O desamparo que tão explicitamente tem sido plantado nos últimos meses (Saraiva, 2017) se converteu em uma colheita de projeto de passado para o país. Não se tratou de uma unanimidade, como felizmente não o é uma democracia, mas isso não nos exime de refletir sobre diversos pontos.

O horizonte que se apresenta é desolador: um misto de cegueira religiosa, que tudo justifica em nome da fé; de ataque frontal ao conhecimento e tudo o que ele representa, inclusive professores, sua liberdade de cátedra e, como não poderia deixar de ser, as universidades; de fascismo vociferante que explora o modelo e faz isso fragmentando a tudo e a todos plantando uma paranoia coletiva do desespero; de baixíssimo nível de proposição, com um nivelamento por baixo e abandono de projetos coletivos em nome de um perfil de cidadania branca,



heterossexual, conservadora, cristã, de classe média, que exclui todas as outras possibilidades de existência.

Esse cenário terrível se concretiza em meio a uma oposição histórica à esquerda, um fenômeno que, conforme Marinho (2016) já vimos antes, às vésperas do Golpe Militar de 1964, hoje constitui uma espécie de fórmula da qual se apropriam velhas raposas políticas, sempre dispostas a entoar os cânticos mais convenientes no momento, de maneira a se perpetuarem do lado em que estão e sempre estiveram: do seu próprio.

Para isso, a escalada da violência, que justificou, por exemplo, a intervenção militar no Rio de Janeiro, é a cereja do bolo, pois permite que se manifestem, de forma ostensiva, os partidários de um projeto de passado, de subserviência covarde, voltado explicitamente ao retrocesso, à manutenção de desigualdades, à morte de milhares de pessoas por serem portadoras de diferenças que precisam ser “apagadas” da sociedade brasileira. Esse foco no atraso é baseado em um nacionalismo tolo, e em cadeiras voltadas para ontem, extinguindo toda a possibilidade de diálogo e de empatia.

A ignorância de grandes segmentos da população, associada à má fé e a métodos espúrios, como a difusão massiva de notícias falsas financiadas de forma ilegal só

encontra respaldo em um poder judiciário conivente, egoísta e interessado no seu próprio umbigo, e que não vê problemas em que a democracia seja rifada desde que haja manutenção dos seus privilégios. Para completar, como a maioria dos parlamentares está interessada em um insano “toma lá dá cá”, pouco importando o país e sua estabilidade, só podemos ver com apreensão o que está por vir.

A quem interessa a desmobilização dos coletivos e a classificação de manifestações sociais como “terrorismo”? A quem interessa o abandono da educação pública? A quem interessa a desqualificação do conhecimento, de suas instituições e agentes? Podemos assegurar uma coisa: à sociedade civil não interessam essas pautas. Mas ela precisa ser mobilizada para que o e democracia se apresente como espetáculo legítimo. Faz parte da legitimidade, assim, exercer a democracia das formas que for possível e, mais importante ainda, resistir. Resistência é e será a tônica dos próximos anos e, não importa o que acontecer, resistiremos.

Este último número de 2018 encerra o quinto e exitoso ano de existência da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, um periódico do qual cada vez mais nos orgulhamos pela proposta, pela agenda e pela ousadia. Neste número temos o prazer de publicar o dossiê temático “Cinema: trabalho, organizações e sociedade”, que teve a editoria especial dxs professorxs Andrea

Poleto Oltramari, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Fernanda Tarabal Lopes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Eduardo Wannmacher, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Os três levaram a cabo um trabalho editorial exemplar, que poderá ser prazerosamente conferido por cada leitor. Parabéns pela competente editoria especial.

A impactante Capa desta edição, *A viagem através da imagem*, é de *Giordano Toldo*, e foi diagramada por *Vitor Drumond*. A partir de uma imagem, Toldo nos convida a um exercício sobre o olhar, que implica agir sobre um espaço ao lhe propor um modo de estar, um processo de avanço da modernidade sobre a estética das imagens.

A segunda seção deste número conta com o interessantíssimo Dossiê "Cinema: Trabalho, Organizações e Sociedade", composto por seis textos. No primeiro deles, *"Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça": o cinema e suas possibilidades na formação em Administração*, *Andrea Poleto Oltramari*, *Fernanda Tarabal Lopes* e *Eduardo Wannmacher*, apresentam as possibilidades formativas do cinema em Administração, para isso apresentando a experiência de um projeto de extensão que associa reflexividade e crítica na educação.

O segundo texto da seção, *Cinema, trabalho e subjetividade: micronarrativas sobre subjetivações em Boi Neon*, de Igor Baptista de Oliveira Medeiros e Aline Mendonça Fraga, trata de *performances* de gênero à luz de dispositivos contemporâneos de trabalho e sexualidade. Por meio de micronarrativas fluidas, xs autorxs exercitam a reflexividade em torno do existir de forma assujeitada, particularmente no âmbito do trabalho.

Em *No coração da loucura: resistência, protagonismo e a luta de Nise da Silveira*, Julice Salvagni, Marília Veríssimo Veronese, Marina Guerin e Rayra Roncatto Rodrigues contestam as representações sociais de loucura, subserviência e incapacidade atribuídas à mulher. A trajetória de Nise da Silveira é oportunamente empregada para discutir a forma pela qual o conhecimento médico e suas instituições de suporte podem corroborar estereótipos de gênero, e os meios pelos quais ela conseguiu escapar dessas armadilhas.

Francisco Carlos dos Santos Filho, Luciana Oltramari Cezar, Claudia Piccolotto Concolato e Luiza Carolina dos Santos amarram história, psicanálise e sociedade ao examinar três filmes sob a dimensão histórica da subjetividade em *Sujeito, sociedade e histórica: diálogos a partir da narrativa cinematográfica*. Neste texto, xs autores associam as vidas dos personagens ao contexto histórico que os circundam, o que os atravessa inclusive no nível subjetivo.

No quinto artigo do dossiê, *Replicantes e proletários: a essencialização da condição de trabalhador em Blade Runner*, Lucas Casagrande e Carlos Fernando Torres Oviedo se valem da investigação de uma ficção científica para examinar as formas pelas quais pode se manifestar o trabalho, concluindo que o fenômeno que se apresenta como imprescindível é a desessencialização do trabalhador, fundamental para um olhar atento para a condição social e o que ela produz.

O último texto no dossiê é de autoria de Luana Jéssica Oliveira Carmo, Amanda Fontes Silva Fontes Silva, Marcella Barbosa Miranda Teixeira e Ludmila Machado Guimarães de Vasconcelos, *Gattaca: reflexões sobre o instrumentalismo da gestão*. Nesse texto, por meio de uma análise fílmica e tendo como referência uma crítica à hegemonia da ideologia gerencialista, as autoras alertam para o embrutecimento do espraiamento de uma perspectiva econômica para as relações sociais.

A seção Artigos conta com dois textos. No primeiro deles, *"Copacabana" e "Se vivêssemos todos juntos?": um ensaio sobre as contribuições do cinema acerca da velhice na contemporaneidade*, Raquel Oliveira Barreto e Alexandre de Pádua Carrieri se debruçam sobre representações sociais da velhice tendo como questão de fundo uma crítica sobre o lugar do velho na sociedade contemporânea, para além das categorizações genéricas e abstratas vigentes.

No último dos ensaios, *Nós, Daniel Blake: uma análise dos dispositivos de controle, dominação e resistência*, *Uiara Lopes Miranda, Juliana Cardoso Amaral e Lilian Bambirra de Assis* exploram, por meio da perspectiva de sociedade disciplinar foucaultiana, os dispositivos de controle sociais, políticos e de dominação presentes no filme, sugerindo que as regras para a convivência social, ao mesmo tempo em que trazem padecimento, podem impelir os sujeitos a resistir e lutar para serem donos de sua própria história.

A seção *Provocações* abriga dois textos. *Dieison Marconi*, em *Problemas de gênero no sertão de Boi Neon*, reflete sobre a transitoriedade de questões de gênero, corpo e sexualidade nos personagens do filme, problematizando a própria construção do sertão nordestino enquanto espaço imaginado no qual se dão relações pessoais e profissionais.

Em *"Andy trouxe AIDS para nossos escritórios": uma análise filmica e social após 25 anos do lançamento de "Filadélfia"*, *Renato Koch Colomby e Maria Beatriz Rodrigues*, por meio de uma abordagem qualitativa, tratam de temas estigma, preconceito, exclusão, cuidado com o corpo na sociedade industrial capitalista e direitos humanos, o que lhes permite problematizar as leis de proteção ao trabalhador soropositivo no Brasil e no exterior.

Fabio Tozi contribui para a seção Resenhas com o texto *Privatizações: a distopia do capital*, de *Silvio Tendler*. Examinando o documentário, o autor discorre provocativamente sobre a alienação dos bens públicos iniciada nos anos 1990, associando-a a uma progressiva privatização da vida social coletiva e do próprio território brasileiro.

Na seção Registros fotográficos, *Ensaio sobre o olhar – cinema, fotografia e a construção de ficções urbanas* é o nome da contribuição de *Giordano Toldo*, na qual explora a força das imagens para a construção de certo olhar sobre a cidade. Para o autor, a fotografia e o cinema teriam papel importante na construção de um imaginário urbano, com interferência nos desejos de ver e de se relacionar socialmente. Isso implica a necessidade de éticas de conduta social ao se fotografar, no que seria propriamente um exercício da ficção.

Encerrando o número, na seção Relatórios, apresentamos dois textos: no primeiro (*Pareceristas ad hoc – ano 2018*), registramos e agradecemos nominalmente a cada umx dxs colegas que, voluntária e generosamente trabalharam na avaliação e na melhoria do material submetido ao periódico. São eles e elas que concretamente permitem que Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade cada vez mais se consolide como um lugar cada vez interessante na comunidade ibero-americana de Estudos Organizacionais. Obrigado. No segundo



texto (*Estatísticas – ano 2018*), prestamos as contas das estatísticas da revista no ano de 2018 à nossa comunidade.

Como palavras finais desse difícil ano de 2018, o título deste editorial, que sugere retrocesso generalizado, apesar de ser uma sugestão óbvia dos resultados das urnas, não implica – e não deve significar – dissolução “automática” dos avanços sociais verificados no país nos últimos anos. Queremos dizer com isso que para cada ação das forças conservadoras haverá reação das forças progressistas. Repetimos aqui uma frase amplamente disseminada nas redes sociais: “mulheres não voltarão para a cozinha, nem negros para a senzala e tampouco LGBTs para o armário”: o momento é de mobilização coletiva para preservar o pouco em que avançamos, e de luta para que as gerações futuras não paguem pela cegueira ignorante e intolerante de muitos. O momento, assim, é de trevas. Mas precisa ser, também, de luz. E que venha 2019!

REFERÊNCIAS

Marinho, G. F. (2016). Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais: a produção de sentidos simbólicos em um país polarizado. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), 1050-1101.

Saraiva, L. A. S. (2017). O plantio do desamparo. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(11), 1135-1146.

Como citar esta contribuição

Saraiva, L. A. S. (2018). O passado à frente. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 941-950.